

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE ESCOLA PARA ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Ariela Baumgarten Rezende ¹
Marina Kretzer Mello ²
Isabela Potrich de Carvalho ³
Marília dos Santos Amaral ⁴

Resumo

O presente artigo teve como objetivo verificar a representação social de escola para estudantes do ensino fundamental II. O estudo foi realizado por meio de uma pesquisa de levantamento, descritiva quanto ao seu objetivo e de abordagem quali-quantitativa. Para a coleta dos dados foi utilizado um questionário online respondido por 205 estudantes do 5º ao 9º ano de uma escola particular de Florianópolis. A análise das questões de múltipla escolha foi realizada a partir da análise estatística descritiva e para a questão discursiva utilizou-se a análise de conteúdo. Contudo, a pesquisa apresentou os significantes que atravessam os saberes dos estudantes em suas relações com a escola, investigou-se que o conhecimento é o elemento de maior sentido simbólico do aluno sobre a escola, tal como o desejo dos estudantes na prática de estudar é afetado dialeticamente pelas representações que atuam na sociedade, as quais trazem o “estudar” como resultado de um futuro profissional bem-sucedido, também como uma obrigação e uma responsabilidade. Apresenta o interesse de uma relação democrática dos estudantes por meio de maior participação de ideias e opiniões às regras da escola. Observou-se ainda a interferência da relação afetiva professor-aluno, do desenvolvimento e a motivação na aprendizagem, bem como as expectativas dos estudantes sobre a escola como encarregada de garantir um futuro de sucesso.

¹ Graduandas em Psicologia. Faculdade Cesusc Email: arielabrezende@gmail.com.

² Graduanda em Psicologia. Faculdade Cesusc. Email: mkretzer01@gmail.com.

³ Graduanda em Psicologia. Faculdade Cesusc Email: potrichisabela@gmail.com

⁴ Doutora em Psicologia. Faculdade Cesusc. Email: mariliapsico@hotmail.com

Palavras-chave: Representação social. Escola. Estudantes. Aprendizagem. Ensino Fundamental.

1 INTRODUÇÃO

A motivação pelo tema “representação social de escola” partiu da indagação pessoal das pesquisadoras de como a escola contemporânea é significada por uma geração de adolescentes que vivenciam a era da informação sob uma perspectiva transformadora e revolucionária.

Deste modo, a pesquisa verificou a representação social de escola para os alunos do ensino fundamental II de uma escola particular em Florianópolis, a fim de reconhecer como estas representações mediam os elementos cognitivo, afetivo e comportamental destes.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 APRENDIZAGEM

De acordo com Oliveira (2010) a aprendizagem é caracterizada por uma série de movimentações internas e externas do sujeito mediante o seu contato com o mundo, com a cultura, com as outras pessoas que o cercam. A autora dialoga com as teorias vigotskianas e defende que é um movimento diferenciado do desenvolvimento do nosso organismo, visto que depende de todo o entorno social que o envolve, incluindo totalmente nesse processo, outros sujeitos.

Segundo Mota e Pereira (2014) a aprendizagem não está somente sujeita ao âmbito cognitivo. É colocado que muitas teorias defendem o processo de aprendizagem como uma construção de significados sociais desde os primeiros estágios de desenvolvimento da criança, por isso, há um processo de aprendizagem pré-escolar. Todo o processo de aprendizagem passa pela rede de significados construídos pelo sujeito em relação com o meio que o atravessa. A significação e fortalecimentos dos novos conhecimentos possui uma relação direta com o as suas experiências, o modo como ele se relaciona com o contexto escolar e seus atributos, englobando todas as representações sociais que o mesmo atribui a essa instituição.

Por último, deve-se considerar a relação professor e aluno e a afetividade como fator necessário de ser analisado no processo de aprendizagem, visto que o aspecto cognitivo não pode ser separado do afetivo. A autora Arantes (2002) considera importante a problematização e reflexão e fugir do senso comum a respeito da separação que existe entre de aspectos cognitivos e emocionais no desenvolvimento de compreensões. Posto que os estudantes dentro de sala de aula ou em qualquer contexto de produção de conhecimento e aprendizagem, não excluem as suas dimensões afetivas da.

2.2 REPRESENTAÇÃO SOCIAL DOS ALUNOS SOBRE A ESCOLA

É na relação com o outro que acontecem os processos de desenvolvimento e de transformação da existência objetiva e subjetiva. Estão nos processos sociais e instrumentais de mediação a construção dos significados que serão internalizados e modificados pelas experiências individuais partilhadas coletivamente e que vêm produzir tais sentidos (MARQUES E CASTANHO, 2011). Logo, estas construções simbólicas se relacionam com a realidade social dos sujeitos e grupos, produzindo opiniões em relação a situações e objetos que serão interpretados e pensados em suas práticas cotidianas (SÊGA, 1990).

Estudar as representações sociais no contexto educacional promove conhecer como a escola é significada e experimentada em sua existência por quem dela participa. O fenômeno educacional estudado a partir da teoria das Representações Sociais possibilita uma aproximação da realidade escolar ao investigar de que forma os estudantes se apropriam, dão sentido e se transformam sobre os significados dados a ela. Desta maneira, as teorias das representações sociais aparecem auxiliando na compreensão das indagações surgidas das transformações que afetam a sociedade e, por consequência, a realidade da escola. Por sua vez, para compreender o fenômeno educativo moderno é necessário investigar de que forma a escola atual é simbolizada e significada por aqueles que participam dela. Este entendimento visa produzir uma aproximação da sua verdadeira expressão e os impactos que isto vem representar nas atividades empregadas atualmente. (LINS; SANTIAGO, 2001).

Guareschi e Jovchelovitch (1995), entendem a teoria das representações sociais como a realidade psicossocial enquanto rede de significados, sempre marcada por

contradições histórico-sociais, mas também sempre aberta ao caráter potencial e instituinte da ação-humana, tentando entender como a realidade social constrói a gramática e a dramática dos símbolos que povoam nosso cotidiano e nos movem à ação.

Todavia, a representação social é o caráter simbólico significante que nos move à ação e transforma os significados da vida social. O sujeito, ou grupo, ao reproduzir uma imagem poderá modificar os sentidos, a percepção e o conceito de um objeto representado socialmente (MARQUES E CASTANHO, 2011).

2.3 EXPECTATIVAS DOS ALUNOS SOBRE A ESCOLA

A expectativa dos alunos sobre a escola traz como características os supostos direitos, probabilidades ou promessas que incorporam a relação aluno e escola, bem como o desempenho cognitivo e social diante de um contexto escolar. Para Lourenço e Paiva (2010), a motivação no contexto escolar tem sido avaliada como um determinante crítico do nível e da qualidade da aprendizagem e do desempenho. Um aluno motivado revela-se ativamente envolvido no processo de aprendizagem, sempre buscando tarefas desafiadoras, criando e fazendo uso de estratégias apropriadas e procurando desenvolver novas capacidades de compreensão e de domínio do conhecimento. Manifesta entusiasmo na execução das tarefas e ânimo condizente aos seus desempenhos e resultados. Criar e fomentar essa cultura de atuação na escola poderá ser o pilar essencial para a ação de aprender. Proporcionando uma perspectiva de futuro do aluno quanto a escola.

Algumas teorias sócio cognitivas que estudam a motivação, afirmam que a motivação e o desempenho escolar dos alunos baseiam-se nos processos de mediação cognitiva; esses referentes a interação com o seu meio, desenvolvidos pela percepção, assimilação e processamento dos estímulos existentes e constituídos pelas crenças e pelos valores conscientes do aluno. Essas crenças funcionam como um filtro pelo qual o aluno interpreta a si mesmo e a realidade escolar, e influenciam fortemente suas ações, suas tomadas de decisão e seu planejamento futuro, assim como sua expectativa para com o ensino escolar. Bandura (1982).

A escola abrange diversos tipos de conhecimento e representa combinações entre tempo/espço multifuncionais que se instituem como meio de vida até a idade adulta, segundo Canário (2006). Dessa forma entendemos que a escola não somente prepara para a vida, ela é parte da vida. Considerando essa visão, cabe a investigação de como os

próprios sujeitos que estudam nas escolas explicam e criam expectativas para o processo de escolarização, isto é, como os estudantes entendem e vivenciam sua singular história escolar e conseqüentemente suas vidas.

Conforme defendido por Palácios (1995), a escola é, junto com a família, a instituição social que possui as maiores repercussões para as crianças e sendo assim, são as maiores influenciadoras no processo de aprendizagem, operando diretamente na expectativa de futuro nessa trajetória. A escola não só contribui na produção do saber científico organizado culturalmente, como também atua em todos os aspectos relativos aos processos de socialização da criança. Tais como: O desenvolvimento das relações afetivas, a habilidade de participar em situações sociais, a aquisição da competência comunicativa, o desenvolvimento das condutas pró-sociais e da própria constituição de identidade singular do sujeito.

3 METODOLOGIA

Por meio de uma abordagem prática, utilizou-se de uma pesquisa de natureza aplicada. Quanto à sua forma foi utilizada a pesquisa quali-quantitativa que surgiu da necessidade de reunir dados qualitativos e quantitativos em um único estudo. Os participantes da pesquisa foram os estudantes do ensino fundamental II de uma escola particular, localizada no município de Florianópolis. Participaram alunos do 6º, 7º, 8º e 9º ano, totalizando 205 alunos, 97 do período matutino e 109 alunos do período vespertino, sendo 94 meninas e 111 meninos. A variação de idade dos alunos estudantes foi entre 11 a 15 anos de idade, dos gêneros feminino e masculino

De acordo com os procedimentos técnicos, a pesquisa é de levantamento, dado que trouxe as opiniões da população estudada descritas. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário previamente validado por 3 (três) juízes e elaborado exclusivamente para esta pesquisa. O instrumento apresenta 3 (três) etapas: uma coleta de dados sociodemográficos, 30 (trinta) questões de múltipla escolha, e 1 (uma) questão descritiva (aberta). Para a análise de dados, utilizou-se a análise estatística descritiva, no qual foram criadas três categorias para as respostas das perguntas de múltipla escolha: categoria negativa – englobando as respostas dadas como "Nunca" e "Pouco", categoria neutra para as respostas "Às vezes" e categoria positiva "Quase sempre" e "Sempre". E também, Análise de Conteúdo para as questões abertas.

4 DISCUSSÃO

Com relação a aprendizagem foram inseridas no questionário perguntas com atributos desta temática com o objetivo de englobar as qualidades que interferem nos seguintes processos: a aprendizagem relacionada ao desenvolvimento, a aprendizagem e a afetividade na relação professores e alunos e, por fim, a aprendizagem e a motivação. Constatou-se muitas das respostas apresentadas na última pergunta do questionário “*Quando você pensa a palavra escola, o que lhe vem à cabeça?*” estão diretamente associadas à discussão dessa temática, portanto, foi realizada uma relação destas respostas com as respostas das seguintes perguntas fechadas: “*Você considera ter uma boa relação com os seus professores?*” e “*Você costuma receber elogio de seus professores?*”.

Ao considerarmos as perguntas anteriores, as quais se referem à percepção do aluno sobre manter uma boa relação com o professor, mostrou que a maioria dos estudantes considera possuir uma boa relação com os professores, cerca de 73,8%. Em contrapartida 16% dos alunos considera que às vezes e 10,2% dos alunos não considera ter uma boa relação. Ao responder a pergunta aberta do questionário “*O que lhe vem à cabeça ao escutar a palavra escola?*”, alguns dos estudantes referiram-se aos seus professores das seguintes formas: “*estudar, amigades, tio antônio (sic), “[.] dos meus professores favoritos e dos meus amigos*” (sic), “*vem um lugar grande, com muitas crianças, professores e funcionários, trabalhando para nossa sabedoria*” (sic) e “[...] *acho que o método de ensino da minha escola é querer colocar todos os alunos em um único nível, mas essa é a ideia da minha escola, pois vários professores meus são muito contra essa ideia e querem realmente o melhor para o aluno.*”. Observou-se em muitas das afirmações livres descritas pelos alunos adjetivos afetuosos e saudáveis em relação aos professores, tais como: nas indagações de que esses trabalham para o desenvolvimento da sabedoria dos estudantes, na ideia de que realmente querem o melhor do aluno, e também quando escreve que ao pensar em escola lembram dos professores preferidos.

Dentre as respostas livres mostraram-se comentários com um tom de insatisfação aos conteúdos e ao sentido atribuído à escola que podem ter ou não correlação com um possível enfraquecimento da relação entre os docentes e os estudantes, visto que a afetividade pode ser um dos fatores que atravessam diretamente a sensação de motivação do aluno.

Também, como uma das qualidades identificadas no atravessamento da aprendizagem dentro do contexto escolar, levantou-se a importância de avaliar a motivação dos alunos a respeito das aulas e momentos de aprendizagem, visto que segundo Davis e Oliveira (1992) a motivação deve ser entendida como uma soma de aspectos afetivos e cognitivos, intrínseco ao social. E possui uma característica, de que o estudante motivado está em uma posição mais favorável para desenvolvimento do conhecimento. Por isso, constatou-se a necessidade de abranger tal tópico dentro da discussão.

A pergunta "*Seus professores costumam relacionar os conteúdos dados em sala com as práticas do dia a dia?*" foi inserida no sentido de entender se há uma aproximação matérias, muitas vezes, complexas de serem alcançadas, isto é, com o cotidiano e dar sentido para o quê o aluno está entrando em contato. Para Muller (2002) o processo de aprendizagem é benéficamente desenvolvido e amplificado, em casos que alguns docentes procuram ensinar suas matérias para além de formas sistematizadas, há um ganho de sentido que pode ser atribuído ao relacionar conteúdo com os acontecimentos do dia-a-dia. Cerca de 23,4% (n=48) dos alunos entende que os professores não desenvolveram o costume de relacionar os conteúdos apresentados com acontecimentos rotineiros, por volta de 43% (n=82) dos estudantes consideram-se neutros e 36,4% (n=75) dos alunos veem nas práticas pedagógicas dos professores a relação. Tais números representam uma realidade que tende a relacionar os conteúdos ministrados com o dia-a-dia, a fim de promover um melhor entendimento por parte dos alunos e por fazer assuntos complexos terem mais sentido. Sendo assim, gerando uma maior motivação dos alunos por possuir uma significação da parte deles.

Outra pergunta do questionário que foi analisada: "*Você considera útil aprender os conteúdos dados em sala?*", teve como intuito tentar entender como os estudantes enxergam a utilidade dos conteúdos passados, item este que se correlaciona diretamente com a primeira pergunta, visto que se o conteúdo ganha um sentido para o aluno, então há utilidade em aprendê-lo, ligado ao aspecto da motivação.

Muller (2002) aponta que ainda há uma falta de entendimento do que é estudar e qual sua finalidade, amplificando uma crise de existência da escola em relação ao sentido atribuído pelos alunos. Pode ser constatado uma forte consonância para os alunos, através de suas respostas, sendo que 67,9% (n=141) acredita que há utilidade em aprender os conteúdos, 25,2% (n=51) permanece neutro e somente 6,9% (n=14) não consegue

entender a utilidade. Respostas como *“vem chatice por conta dos conteúdos, e tbm vem preguiça pelo fato de ter que acordar cedo, porém eu gosto porque tenho diversos amigos e tals..”* (sic); exemplificam que ao pensar em escola o aluno pensa em algo que é chato por lembrar dos conteúdos que são e serão aprendidos em sala, de certa forma contrapondo os dados da pergunta número 01 e número 02, constatando que por mais que os resultados apontem para aspectos positivos, não há o desenvolvimento de um sentido para o que é aprendido.

Algumas respostas como: *“um lugar que eu sou obrigado a ir, pra estudar, mas eu não acho que vou usar tudo que eu aprendo mas tenho que vir”* (sic); e *“é um lugar que eu gosto em alguns momentos mais em outros não, pois tem aulas que são muito chatas e eu acho que a gente deveria sair mais pra rua e tals”* (sic); assim como *“conteúdos na maioria não úteis”*; *“um lugar que é obrigado a estudar, que a maioria das vezes eu nao obrigada a aprender aquilo pq ja sei o que eu quero. queria aprender algo que vou fazer no futuro e não uma coisa que eu não vou usar na vida”* (sic). São respostas que apontam para uma direção contrária dos dados obtidos, visto que muitos dos alunos não conseguem entender o motivo pelo qual devem aprender determinados conteúdos.

Entretanto, alguns comentários compõem vários aspectos relacionados à utilidade do conteúdo e tudo o que gira em torno dele, como relações sociais, amizades, expectativas e crenças sociais de “um futuro melhor”: *“[...] por exemplo algo que aprendemos em matemática pode ser usado no dia ,assim como qualquer outra matéria”, “um lugar cansativo, mas importante para adquirir conhecimento e evoluir como pessoa”* (sic); *“Estudar coisas que me ajudam no dia a dia , e que podem me ajudar no futuro , e outras que nunca vou usar na minha vida”* (sic); *“sempre que eu penso em escola me vem na cabeça um lugar onde estudamos, aprendemos mais, ganhamos mais conhecimentos, e um lugar para socializar com as pessoas, ter amigos e aprender coisas novas.”* (sic). Sendo assim, representam uma parcela que enxerga e relaciona a escola com a possibilidade de adquirir mais conhecimentos, sempre relacionados com um aspecto de futuro e amizades.

Lins e Santiago (2001) entendem que a espontaneidade das palavras revela os sentidos que envolve a escola. A partir deste entendimento, apoiado pela teoria das representações sociais, o questionário aplicado aos alunos do ensino fundamental II trouxe a seguinte pergunta aberta, a qual possibilitou os estudantes a responderem de

forma livre: *“Quando você ouve a palavra “escola”, o que lhe vem à cabeça?”*. As respostas referentes a esta pergunta apresentam o elemento **“conhecimento”** como a representação coletiva destes estudantes, visto que se manifesta com frequência em suas escritas, transcendendo, deste modo, o individual.

A partir disto, foi realizada uma análise dos resultados obtidos com a pergunta discursiva (descrita a cima) com a seguinte pergunta de múltipla escolha do questionário: *“Você considera que ao frequentar a escola pode adquirir um maior conhecimento?”*. A análise dos dados relacionados às duas perguntas mencionadas, resultou o sentido que ancora a representação social de escola para os estudantes: o conhecimento vinculado à uma qualificação pessoal.

A ancoragem é um processo que produz um juízo de valor, dado que este movimento traz uma dimensão valorativa do um objeto, de uma ideia ou pessoa, o que significa que ao ancoramos estamos categorizando e rotulando e assim trazendo um significado próximo das redes de categorias familiares (PEIXOTO, FONSECA, OLIVEIRA, 2013).

Já, um total de 86,83% (n=178) dos estudantes consideraram que sempre, ou quase sempre, irão adquirir maior conhecimento ao frequentar a escola, como eles mesmos expõem: *“um lugar onde a gente estuda, aprofunda os nossos conhecimentos e tem novas experiências”* (sic); *“um lugar onde adquirimos conhecimento e se nos esforçamos poderemos ter um grande futuro com nossa dedicação, um lugar de aprendizado”* (sic); *“estudar bastante para ter mais conhecimento e não depender de ninguém quando crescer”* (sic). Logo, este conhecimento relacionado à compreensão da escolarização, revela o desejo dos alunos por sua qualificação individual, o que os projetam para um futuro, seja na perspectiva do mercado de trabalho, e/ou em mudanças das condições existenciais de vida (LINS; SANTIAGO, 2001).

A categoria neutra mostra que 7,8% (n=16) dos estudantes consideram que por vezes (às vezes) sua frequência na escola pode contribuir para que venham a adquirir maior conhecimento. De acordo com os alunos pesquisados, a escola é: *“um lugar que eu sou obrigado a ir, pra estudar, mas eu não acho que vou usar tudo o que eu aprendo mas tenho que vir”* (sic); *“Estudar coisas que me ajudam no dia a dia, e que podem me ajudar no futuro, e outras que nunca vou usar na minha vida”* (sic). Nestes relatos, aparecem a relação de obrigatoriedade na frequência escolar e a percepção de não funcionalidade em alguns conteúdos por parte dos estudantes.

Com relação a categoria negativa, um total de 5,36% (n=11) dos estudantes não consideram, ou consideram pouco, que ao frequentar a escola virão adquirir maior conhecimento. Segundo eles, a escola é: "*uma coisa muito chata*" (sic); "*Estudar: não quero!*" (sic); "*conteúdos na maioria não úteis*" (sic).

Outra dimensão avaliada apresenta o levantamento feito a respeito da participação do aluno em seu contexto escolar. A pergunta: "*Você dá a sua opinião sobre as regras da sua escola?*" traz na categoria positiva que 55,61% (n=114) dos alunos consideram importante participarem na construção das regras da escola, já 24,39% (n=50) dos alunos pesquisados, opinaram na categoria neutra, considerando que às vezes consideram importante participar na construção das regras da escola. Outros 20% (n=41) dos alunos não acham importante participar na construção destas regras.

Quanto a questão: "*O seu professor costuma dar espaço para você manifestar suas ideias e opiniões?*" 60,49% (n=124) dos estudantes consideraram que existe a disponibilidade de espaço para manifestarem suas ideias e opiniões por parte dos professores, outros 24,39% (n=50) dos estudantes pesquisados acreditam que "às vezes" os professores lhes dão espaço para manifestarem suas opiniões e ideias, e, por fim, 15,12% (n=31) dos estudantes consideram que não costumam ter espaço por parte dos professores para manifestarem suas ideias e opiniões.

Pedro e Pereira (2010), compreendem que a escola deve desenvolver uma tradição de lógicas democráticas ao nível da relação educativa e pedagógica, valorizando a participação dos alunos nas decisões e ações relacionadas com as atividades que nela se desenvolvem. Portanto, é importante que a participação do aluno não seja unilateralmente passiva, mas também ativa, uma vez que o autoritarismo vinculado à hierarquia, vem contribuir com a limitação à autonomia desses estudantes. As atividades que incluem a participação dos jovens na escola permitem um conhecimento prático dos processos da vida cívica e política, o que vem aprimorar o envolvimento consciente destes em atividades cívicas (PEDRO; PEREIRA, 2010).

A questão: "*Você considera importante participar das decisões sobre a sua escola?*" 59,02% dos alunos considerou que é importante sua participação nas decisões da sua escola, já 23,90% consideraram que as vezes é importante e 17,07% consideraram que não é importante participar das decisões da escola.

Com relação à última pergunta feita: "*A escola possibilita que você dê a sua opinião sobre as atividades que ela realiza?*" 41,95% (n=86) dos alunos se sentem

ouvidos pela escola quando dão sua opinião sobre as atividades que ela realiza, já 25,85% (n=53), destes mesmos alunos, consideram que às vezes são ouvidos pela escola, e por fim, 32,20% (n=66) destes, não se sentem ouvidos em suas opiniões sobre as atividades promovidas pela escola.

Lins e Santiago (2001, p.436), concluem que:

apesar dos discursos de escolas em promover o aumento dos canais de participação efetiva dos alunos, por meio de uma gestão democrática as falas dos alunos mostram que sua atuação junto ao cotidiano escolar ainda é de expectador, e ainda um regime hierarquizado fechado à participação dos alunos

Deste modo, as perguntas representativas a percepção do aluno e sua participação na escola legitimam a importância que os mesmos dão ao participarem das decisões da escola, assim como serem ouvidos em suas opiniões nas atividades praticadas por ela, como um processo dinâmico de compreensão e transformação da existência escolar.

Com relação às expectativas dos estudantes sobre a escola, foram aplicadas três perguntas objetivas com a finalidade de destacar o ponto de vista dos estudantes acerca do tema proposto. Essas são: opinião dos alunos sobre as aulas práticas promovidas pelos professores, importância da escola para a vida dos alunos, e sucesso associado à passagem pela vida escolar.

No momento em que foi questionado "*Você gosta das aulas em que o professor promove atividades práticas?*", nota-se que 64,39% (n=132) dos participantes responderam que sim. Esse percentual confirma o conceito de motivação proposto por Lourenço e Paiva (2010), os quais entendem que um aluno motivado manifesta entusiasmo no desempenho das tarefas propostas, produzindo ativamente no processo de aprendizagem, e assim, tendendo a desenvolver novas capacidades de compreensão do conhecimento.

Na categoria neutra 24,87% (n=51) dos alunos responderam que consideram que às vezes gostam das aulas práticas promovidas pelos professores. Enquanto que 10,73% (n=22) não gostam das aulas em que o professor promove tal tipo de atividade. Referente a essa questão, pode-se entender o valor das aulas práticas, entendido pela maioria dos alunos. Essas operam para firmar os conhecimentos adquiridos nas aulas teóricas, já que a vivência de uma experiência facilita a fixação das novas informações assimiladas, promovendo até mesmo uma possível reflexão e interesse do conteúdo para além do

conhecimento teórico, segundo Viviane e Costa (2010) é o que torna o aluno sujeito da aprendizagem.

Quanto aos resultados referentes à pergunta "*Você acredita que a escola é importante para a sua vida?*", verifica-se que 85,85% (n=176) das respostas asseguram que a escola é importante. Na pergunta aberta: "*Quando você ouve a palavra escola o que lhe vem à cabeça?*" algumas respostas vão ao encontro dessa constatação do gráfico 11. Dentre as afirmações respondidas no questionário referente a esta pergunta, o estudante afirma que a escola: "*é um lugar onde é possível ampliar os conhecimentos*" (sic) e "*um lugar onde você aprende coisas importantes na sua vida para se dar bem*". Posto isso, entende-se que a escola contribui na produção de um saber científico, o qual promove uma expectativa de desenvolvimento e aplicabilidade no futuro. Outras respostas como: "*aprender e fazer muitos amigos*", e: "*lugar onde você convive com várias pessoas*" confluem com a proposta de Dayrell (2007) de que a escola surge para os estudantes como espaço aberto a uma vida não somente escolar, sendo para esses, suas maiores expectativas de produção de relacionamentos. Tal como, um ambiente que promove o desdobramento da competência comunicativa no processo de socialização.

No entanto, 5,36% (n=11) dos participantes não acreditam que a escola seja importante para sua vida. Fato pertinente, pois uma vez que opinam desta forma desconsideram que um local de socialização e produção de conhecimento seja relevante para suas vidas. Em meio a isso, 8,78% (n=18) dos alunos responderam na categoria neutra.

A respeito do questionamento "*Você acredita que no futuro serás bem-sucedido se frequentar a escola?*", um total de 82,92% (n=170) alunos acreditam que ao frequentarem a escola, serão bem-sucedidos. Algumas respostas da questão aberta: "*Quando você ouve a palavra escola o que lhe vem à cabeça?*", complementam essa relação direta entre o sucesso como consequência do processo de escolarização colocada pelos alunos.

Nas afirmações: "*Estudar para ser uma pessoa de boas condições financeiras*", "*Indo a escola vou me dar bem na vida*" e, "*provas, estudo, mais estudo e mais provas, mas no fim vale muito a pena pois estarei formada e pronta para enfrentar o mundo e trabalhar duro para conseguir as minhas coisas*", entende-se que os alunos que expressaram essas opiniões, creem que ao frequentarem a escola estarão suficientemente capacitados para conquistar um espaço de ingresso no mercado de trabalho, ou até

mesmo, que estão potencialmente aptos à atingirem um lugar político subjetivo na sociedade. Outros, 11,21% (n=23) dos alunos enquadraram suas respostas na categoria neutra. No entanto, 5,85% (n=12) alunos sinalizaram que não acreditam que serão bem-sucedidos no futuro ao frequentarem a escola. Em contrapartida, surgem críticas em relação aos conteúdos abordado pela escola, uma vez que, em determinado momento, alguns alunos acreditam que poderiam estar aprofundando seus conhecimentos, com o objetivo de uma efetiva aplicabilidade no futuro, dado que pontuaram que já fizeram a escolha de seus projetos de futuro. Essa análise é concebida a partir da interpretação dos seguintes discursos: *“um lugar que é obrigado a estudar, que a maioria das vezes eu não obrigada a aprender aquilo pq ja sei o que eu quero. Queria aprender algo que vou fazer no futuro e não uma coisa que eu não vou usar na vida”* (sic) e *“estudar pra ser alguém na vida embora você não usa a metade das coisas que aprende”* (sic). Tais discursos evidenciam a observação dos alunos quanto a impossibilidade da escola propor conteúdos em que o aluno compreenda a utilidade para um futuro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O elemento de maior sentido simbólico que representa a escola para os alunos do ensino fundamental II é o conhecimento, visto que este elemento caracteriza a valoração de uma qualificação individual com relação a uma realização pessoal para os mesmos. A pesquisa trouxe em seus resultados a relevância de uma relação democrática que motiva os estudantes a participarem com suas ideias e opiniões às regras, planejamento e atividades promovidas pela escola. Se compreendeu a proporção em que a escola surge para os estudantes como potencial espaço de socialização, assim como as suas expectativas sobre a escolarização com a finalidade de um futuro de sucesso.

Ainda, alcançou-se a partir da pesquisa, a importância da relação afetiva entre alunos e professores e também o questionamento dessas relações a partir de uma insatisfação dos alunos quanto aos conteúdos e a falta de sentido atribuído aos mesmos.

Portanto, apresentou-se que, até o atual momento, a prática da escola contemporânea é um paradigma que vem sendo dialeticamente transformado pela sociedade, pois ainda é tecida por uma abordagem conservadora que se relaciona à cultura da região estudada.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, V. A.: A afetividade no cenário da educação. In: OLIVEIRA, M. K. de, SOUZA, D. T. R., REGO, T. C. (Orgs.): **Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002
- BANDURA, A. Self-Efficacy mechanism in human agency. **American Psychologist**, v. 37, n. 2, p. 122- 47,
- CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro? Das promessas às incertezas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia na educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- DAYRELL, J.T.; LEÃO, G.; BATISTA, J. Juventude, pobreza e ações sócio-educativas no Brasil. In: SPOSITO, M. (Org.). **Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em cidades das regiões metropolitanas brasileiras**. São Paulo: Global, 2007.
- GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). **Textos em Representações Sociais**. 8ªed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1995.
- KRIEGER, Maria da Graça Taffarel. **Psicodinâmica da aprendizagem**. Curitiba: InterSaberes, 2012. (Série Gestão educacional).
- LEITE, Sérgio Antônio da Silva; TAGLIAFERRO, Ariane Roberta. A afetividade na sala de aula: um professor inesquecível. **Psicol. esc. educ.**, Campinas , v. 9, n. 2, p. 247-260, dez. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 maio. 2018.
- LIBÂNIO, J. C. A aprendizagem escolar e a formação de professores na perspectiva da psicologia histórico-cultural e da teoria da atividade. **Educar em Revista**, [S.l.], v. 20, n. 24, p. p. 113-147, dez. 2004. ISSN 1984-0411. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2211/1854>>. Acesso em: 25 mar. 2018.
- LINS, C. P. A; SANTIAGO, M. E. Representação social – educação e escolarização. In: MOREIRA, A. S. P. **Representações sociais: teoria e prática**. São Paulo: Universidade Federal da Paraíba, 2003. p. 411-440.
- LOURENÇO, A. A. e PAIVA, M. O. A. P. A. Motivação escolar e o processo de aprendizagem. **Ciência & Cognição**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, ago. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212010000200012>. Acesso em: 01 de out. 2017.
- MARQUES, P. B.; CASTANHO, Marisa Irene Siqueira. **O que é a escola a partir do sentido construído por alunos**. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v15n1/03.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

MOTA, M. S. G.; PEREIRA F. E. L. **Desenvolvimento e aprendizagem**: processo de construção do conhecimento e desenvolvimento mental do indivíduo. 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/tcc_desenvolvimento.pdf. Acesso em: 29 de set. 2017.

MULLER, Luiza de Souza. **A Interação professor-aluno no processo educativo**. Revista Integração, USJT-SP, ano VIII, n.31, novembro/2002. Disponível em: https://www.usjt.br/proex/arquivos/produtos_academicos/276_31.pdf Acesso em: 18 de maio. 2018.

OLIVEIRA, M. KOHL. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2010.

PALACIOS, J.; Coll, C.; Marchesi, A. (1995), Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Cada do psicólogo, 1999.

PEDRO. A. P.; PEREIRA. C. M. A. L. S. Participação escolar: representações dos alunos do 3º ciclo de Aveiro (Portugal). **Educação e pesquisa**. São Paulo, v. 36, p.747-762, set/dez, 2010.

PEIXOTO, A. C. S; FONSECA, F. O; OLIVEIRA, R. Ancoragem. **Cadernos CESPUC**, Belo Horizonte, N. 23, 2013.

PIMENTA, S.; BRITO, B.; CALDAS, Rafaela Sousa. **Estudo introdutório sobre desenvolvimento da percepção infantil em Vigotski**. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v7n2/v7n2a06.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2017.

SÊGA, R. A. **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v.8, n.13, p. 128-133, julho. 2000. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6719/4026>. Acesso em: 22/09/2017.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e aprendizagem: A relação professor e aluno**. Anuário 2000. GT Psicologia da educação, Anped, setembro, 2000.

VIVIANI, Daniela; COSTA, Arlindo. **Práticas de Ensino de Ciências Biológicas**. Centro Universitário Leonardo da Vinci – Indaial, Grupo UNIASSELVI, 2010.

ZOIA, Elvenice Tatiana. Aprender na vida e aprender na escola. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 22, p. 406-408, Dez., 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602003000200020&lng=en&nrm=iso. Acessos em: 25 mar. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-40602191>.